Moisés ou Davi?

O livro de Neemias nos fornece as últimas informações explícitas sobre a comunidade judaíta na época persa. As outras informações que vêm de fontes extrabíblicas, também, são mínimas e fragmentárias. Uma reconstrução histórica desta época não consegue passar, no atual estado de conhecimento, de uma hipótese. É difícil fazer afirmações seguras.

Contudo este período foi muito fecundo em produção de textos. A maioria dos livros veterotestamentários teve aqui sua origem ou sua redação final. Seria interessante conhecer um pouco mais o contexto histórico e sociológico que produziu toda esta literatura. Vamos ter que olhar pelas frestas, através dos pequenos detalhes que refletem contradições, conflitos, preocupações e buscar reconstruir, na medida do possível, o quadro geral.

Uma outra dificuldade, que se soma à falta de informações, é o fato que, neste momento, entram em cena vários grupos que, ao longo dos séculos, viverão em conflito: os sadocitas e os levitas do templo de Jerusalém, os sadocitas do templo do Garizim, os "piedosos – *hassidim*" da sinagoga, os "sábios" das diversas escolas, o povo da terra, as "casas dos pais" e, sobretudo, a casa da mulher. Cada um destes grupos firmará posição, produzirá literatura, às vezes antagônica.

O judaitismo não pode ser considerado uma realidade monolítica e unitária, nem pode ser reduzido ao projeto do grupo que alcançou a hegemonia depois das missões de Esdras e de Neemias. Houve conflitos, contradições, brigas e até "excomunhões" recíprocas.

Isso vale, também, para o tema do messianismo que este número de Estudos Bíblicos quer trabalhar. Afinal o período persa e o período imediatamente posterior foram o berço de dezenas de movimentos messiânicos e escatológicos que irão desembocar na rica produção apocalíptica, tão difundida no tempo de Jesus.

1. A ALIANÇA DOS SACERDOTES E DOS LEVITAS (Ne 13,29) E O CISMA SAMAREU

Vamos começar nosso estudo por onde termina o livro de Neemias. Este livro termina dando-nos uma informação que nos deixa entrever um grande conflito acontecendo dentro do grupo sacerdotal: o filho do sumo sacerdote Joiada, neto de Eliasib, foi expulso "para longe" por Neemias. Quais são os motivos? Dois: ele tinha se tornado o genro de Sanabalat, o horonita (Ne 13,28), governador de Samaria e adversário de Neemias e pertencia ao grupo que *"aviltou o sacerdócio e a aliança dos sacerdotes e levitas"* (Ne 13,29).

A referência a esta *"aliança dos sacerdotes e levitas"* parece indicar um acordo alcançado depois de um conflito. Segundo as informações que colhemos em Neemias, o grupo dos levitas que, nos textos mais antigos do Pentateuco e de Ezequiel 40–48, tinha sido rebaixado a carregar para sempre sua vergonha por causa das abominações cometidas, neste momento está bem mais forte. Exerce funções nobres dentro do templo, ocupa um espaço significativo na administração da economia e da justiça e é o destinatário de nove décimos do dízimo arrecadado.

Para se manter no poder, os sadocitas tiveram que reparti-lo com os levitas.

Nem todo o grupo sacerdotal deve ter gostado deste arranjo. É o momento em que a questão samaritana vai espocar com veemência. Os samaritanos, que pessoalmente prefiro chamar de "samareus", são os sadocitas que abandonaram Jerusalém por não concordar com esta "aliança".

O dente envenenado de Flávio Josefo observa que Siquém era habitada por judaítas desertores de sua nação:

> "os judaítas que eram de Jerusalém e que tinham pecado contra a fé, quer comendo alimentos proibidos, quer não observando o sábado ou coisas parecidas, refugiavam-se entre os siquemitas, dizendo que se lhes havia feito injustiça" (*Antigüidades Judaicas* XI, 8, 452).

Eram dois grupos sacerdotais e sadocitas, reivindicando a legitimidade do culto, tendo em comum o uso litúrgico do Pentateuco e a celebração das grandes festas[1].

Por que falar deste conflito em relação ao assunto que estamos abordando?

Os samareus, que se consideravam aronitas verdadeiros e legítimos, verdadeiros observantes da lei, sentiam-se depositários da verdadeira bênção. Foi por causa da traição cometida pelos sacerdotes sadocitas de Jerusalém desde os tempos de Salomão que a ira de Javé escondeu o tabernáculo, a arca da aliança, os altares, o candelabro e os demais objetos sagrados numa gruta, que, depois,

1. É sugestiva a hipótese de MAYER, J. *Op. cit.*, p. 67-69, que defende a idéia de o Pentateuco ter sido o elemento de composição entre o grupo sadocita jerosolimitano e o grupo sadocita siquemita. Teria sido este o momento da eliminação de Josué. O hexateuco deuteronomista e anti-samaritano deixou o lugar a um Pentateuco aceitável por ambos os grupos. Eu defendo outra explicação, ver GALLAZZI, Sandro. O reino de Deus chegou. In: RIBLA nº 24.

desapareceu milagrosamente. Javé se afastou de Israel, até o tempo da reconstrução do santuário no monte Garizim.

Desde então, ao sacerdócio aronita compete, sobretudo, o anúncio da bênção e aos escribas a interpretação da *tôrah*. Para os samareus o templo é a figura da "casa", o lugar de adoração e de festa, nas três peregrinações populares.

O "altar" tem uma importância secundária. A ausência do culto sacrificial, pelo menos como concentrador de renda, é a mais significativa diferença entre o sadocitismo de Jerusalém e o sacerdócio de Siquém. Na Samaria a arrecadação do tributo sempre foi atividade leiga.

Esta realidade levou os samareus a uma acentuada perspectiva messiânica que tinha, no seu centro, a figura de Moisés. Ele não é somente o profeta incomparável que libertou o povo do Egito e recebeu a lei no Sinai; ele vai ser celebrado como o profeta que restabelecerá o tempo da benevolência divina.

Esta esperança messiânica foi concretizada numa das mais antigas diferenças que o Pentateuco samaritano apresenta em relação ao Pentateuco judaíta. O texto de Dt 18,18, que proclama a fé num profeta como Moisés, sempre presente no meio do povo, foi colocado imediatamente em seguida ao decálogo, seja em Ex 20, como em Dt 5.

No dia da grande vingança, Moisés, o profeta, voltará para salvar os que amam a Deus e aniquilar seus inimigos. Moisés é o *taheb,* a figura messiânica do mundo samareu: aquele que voltará para vencer as trevas, trazer a luz, estabelecer a paz e para fazer o verdadeiro sacrifício segundo a justiça no templo de Garizim e separará os eleitos dos rejeitados.

É uma mescla de messianismo e de apocalíptica, própria deste grupo execrado e desprezado, que encontra nela sua forma de resistência.

Para um grupo assim bastava a palavra de Moisés, sobretudo quando esta palavra terminava indicando o Garizim como o lugar da bênção (Dt 11,29; 27,12) e o lugar da construção de um altar. A aliança de Deus com Moisés não passava só pelo Sinai, passava, também, pelo Garizim!

O Pentateuco começou a existir como tal a partir deste conflito. É minha hipótese que os "samareus", considerando-se os verdadeiros observantes da lei, tenham cortado, no fim do Deuteronômio, uma história cuja redação final tinha sido obra dos escribas de Jerusalém e que apontava indiscutivelmente para a centralidade de Jerusalém e de seu templo.

Ao cortar a história no fim do Deuteronômio, com a morte e o "desaparecimento" de Moisés, os samareus deixavam o espaço aberto para esta dimensão messiânica e, ao mesmo tempo, "esqueciam" uma história que tinha, como seu ponto de chegada, a cidade de Jerusalém e o trono davidita.

Para os samareus Siquém não era só um "passado" (Js 24) que tinha virado lugar de "prostituição" (Jz 8,31; 9,4.6) e que tinha sido superado, definitivamente, por Jerusalém. Siquém era a realidade presente e o lugar de fidelidade e resistência. Com o corte no fim do Pentateuco, Siquém deixava de ser "passado" e voltava a ser "memória" atuante e vivificante.

A incontestada autoridade mosaica conferia aos primeiros cinco livros uma importância decisiva. Com estes os samareus ficaram. A morte de Moisés era o fechamento temporal desta história, até a sua volta com *taheb* salvador.

Esta memória, quando vista desde Jerusalém, era evidentemente herética e subversiva.

> *"Quem come o pão de um samaritano é como quem come carne de porco"* (Rabi Eliezer *M. Shebi'it* 8,10).
> *"Há duas nações que eu detesto e uma terceira que nem sequer é povo: os habitantes da montanha de Seir, os filisteus e o povo idiota que habita em Siquém"* (Eclo 50,25-26).

2. CRÔNICAS: O "ANTIMESSIANISMO" SADOCITA

O corte no fim do Pentateuco e as variantes inseridas no texto foram a maneira de o grupo sadocita samareu legitimar sua existência e seu projeto: Moisés, a lei e o templo, sim; Davi, Jerusalém e a teocracia sadocita, nunca!

A parte mais importante da história, oficializada, também, pelo segundo templo, a parte confirmada pelo protagonismo excepcional de Moisés, estava servindo para legitimar um grupo que era detestado e considerado até pior do que as "nações" (Eclo 50,25-26).

O conflito estava posto e era bem próximo. As coisas não podiam ficar assim! A reação dos sadocitas de Jerusalém não tardou. Concordamos com Noth que os livros das Crônicas tenham sido escritos para reagir aos samareus e para legitimar, como único, o estado e o culto de Jerusalém[2].

Vamos acompanhar os passos que o "Cronista" vai dar para alcançar seu objetivo.

2.1. A legitimação de Judá através das "genealogias"

O 1º livro das Crônicas abre-se com uma longa introdução, feita por genealogias, que abarca o considerável tempo que vai de Adão até a nova Jerusalém reconstruída e repovoada por Neemias (1Cr 1–9).

2. Precisamos definir-nos quanto a algumas questões que dividem os exegetas. Eis as nossas opiniões:

a. Crônicas é um produto unitário, expressão de um grupo bastante homogêneo, construído a partir de fontes literárias diferentes.

b. Crônicas, apesar de comungar em muitas posições teológicas e ideológicas, não pertence necessariamente a um conjunto maior, que se costuma chamar de obra historiográfica cronista e que incluiria também os livros de Esdras e de Neemias. Admitimos até a possibilidade de que o mesmo grupo, que redigiu Crônicas, tenha recolhido e *costurado* as fontes de Esdras e Neemias, mas sem com isso ter pensado numa *obra historiográfica* que iria de Adão até Neemias. Crônicas podem, muito bem, subsistir independentemente de Esdras/Neemias e vice-versa. A colocação na Bíblia hebraica, que lê Esdras/Neemias antes de Crônicas, é mais um indício desta suspeita.

Esta longa introdução tem como objetivo principal: mostrar a opção divina pelas tribos de Judá, de Benjamim e de Levi (praticamente, os únicos remanescentes de Israel após as destruições operadas pelos assírios e pelos babilônios). Este objetivo é alcançado *trabalhando* a "árvore genealógica" da humanidade: uma árvore da qual vem sendo aos poucos apresentados e cortados os galhos menos importantes.

É estabelecida uma linha direta entre Adão e Judá, fazendo com que todos os povos da terra de Judá e dos arredores sejam "parentes" na genealogia de Judá, mais do que na genealogia de Abraão.

Por outro lado se afirma que o primogênito de Jacó, Rúben, perdeu sua primogenitura para José (Samaria), mas quem ficou com a mesma foi Judá, porque *"dele saiu um príncipe"* (1Cr 5,1-3). Trata-se do primeiro texto no qual se manifesta, diretamente, o conflito com os samareus que reivindicam, não sem uma boa base histórica, seus direitos de primogenitura a partir de Rúben e de José.

Desta primeira parte (1Cr 1,1–5,26) sobra somente Judá!

A memória das tribos do norte, também, é reduzida para que se sobressaia a tribo de Benjamim. Esta, e as tribos de Manassés e Efraim, são as únicas que continuam tendo uma terra. Das outras tribos não se lembra nunca a posse de uma terra. Tinham história, mas não têm mais terras.

Desta maneira sobram só os benjaminitas e os "samareus" que não podiam ser facilmente *desgalhados*.

Em conclusão, o cronista acaba "reduzindo" todo o Israel a Judá, Benjamim e os levitas. A história motivou esta "redução". O que temos hoje é o fruto da poda de galhos que, aos poucos, ficaram secos e foram cortados para deixar sobreviver só estes últimos três. O *hoje* é o fruto decisivo e incontestável das raízes de *ontem*. O hoje é, de alguma forma, o ponto de chegada de toda a história.

Crônicas, a partir de agora, vai usar muitas vezes a expressão "todo o Israel", mas todo o Israel será: os sacerdotes, os levitas, os judaítas e os benjaminitas: justamente a população da Judá pós-Neemias.

Não só Israel mas a humanidade toda aponta para Judá, Benjamim e Levi. Este é o fruto final e definitivo. No fim, restam somente os "judaítas. Todos os demais serão "nações" ou, como disse Esdras, *"povos da terra"*.

Esta *seleção* passa, como vimos, pelas "genealogias" e muito pouco pela história. Os dados genealógicos são detalhadíssimos, buscados até em fontes diferentes, para não esquecer nada, mas não há praticamente nenhuma referência às grandes histórias do passado (dilúvio, patriarcas, Egito, êxodo, conquista da terra etc.) e pouquíssima referência a algum fato de ordem tribal.

2.2. O primado do grupo sacerdotal

No centro da história, entre Adão e o fim do cativeiro, está Davi e seu templo. No centro das tribos, entre Judá e Benjamim, está Levi.

Chama atenção a pouca importância dada à figura de Moisés: a centralidade dele, tão evidente no Pentateuco, aqui é praticamente esquecida; sobretudo é esquecido o Moisés libertador. A única lembrança do êxodo a encontramos em 2Cr 5,10. Moisés só é lembrado como legislador, homem da lei, do livro, das tábuas. Ele é chamado *homem de Deus* e *servo de Deus*. Nunca é chamado de profeta!

Para Crônicas, o centro da história não é Moisés e sim Davi, não é o Sinai e sim o templo. O culto mosaico da tenda, tão importante para os samareus, fica em Gabaon (2Cr 1,3) e será substituído pelo culto do templo.

> *"Salomão deixou o lugar alto de Gabaon e foi para Jerusalém, longe da tenda da reunião, e reinou sobre Israel"* (2Cr 1,13).

A teocracia davidita substituiu a tenda. É a teocracia implantada com Davi e Salomão, por longos anos representada pelo trono e pelo templo e que, agora, depois do fracasso do trono, mediar-se-á, definitiva e exclusivamente, pelo templo (2Cr 36,23[3]).

É clara a polêmica com o sadocitismo samareu que não quer reconhecer Jerusalém como centro único e baseia sua fidelidade no Pentateuco mosaico, desconhecendo que, de um lado, houve uma livre eleição/seleção divina a favor de Judá e que, do outro, o pacto com Abraão foi substituído pelo pacto com Davi.

Já dissemos que no meio, entre a tribo de Judá e a de Benjamim, Crônicas coloca diversas listas genealógicas relativas aos levitas (1Cr 5,27–6,66).

Parece-me que este é o fruto de uma grande recomposição de forças e de grupos diversos, por origem e tendências, que foram, ecumenicamente, enxertados numa única árvore.

Acontece justamente o contrário do que aconteceu com as outras genealogias usadas para excluir e reduzir: as listas levíticas incorporam, incluem, reúnem. Sadoc, Samuel, os cantores e os porteiros são incluídos nas listas oficiais levíticas, mesmo que de nenhum deles se fale no Pentateuco.

Até os coreítas, sumariamente exterminados em Nm 16, aqui recebem lugar, espaço e tarefas dentro do grupo dos "porteiros". Os coreítas, hoje perdoados, vão cumprir seu serviço litúrgico como guardiães da entrada.

Estas listas são mais um sinal do trabalho de fusão e de reestruturação do serviço levítico a que conduziu a *"aliança dos sacerdotes e levitas"* operada por Neemias. Os cantores, muito importantes na liturgia do 2º templo (Eclo 50,18), são agora incorporados aos levitas. Estas listas refletem o momento em que os "cantores", além de ter sido incorporados aos levitas, tinham uma força tão especial que chegaram até a ser considerados cabeças dos grupos levíticos (1Cr 9,14-16). Os levitas cantores (1Cr 25,1) são chamados *profetas* que *profetizavam*

3. 2Rs 25,27-30 termina com a visão de um trono que se reergue. Crônicas o elimina de vez e o substitui pelo templo a ser reconstruído.

tocando, sob a direção do rei. Esta foi a única forma de profecia que o templo deixou sobreviver[4].

É interessante a presença dos levitas tesoureiros (1Cr 26,20-28) que cuidavam de todos os tesouros e das coisas consagradas a Deus e dos levitas que atuavam fora do templo (1Cr 26,29-32) encarregados da segurança de Israel, e dos *afazeres de Javé e o serviço do rei*. São os juízes e os escrivães, encarregados da administração local, como indicaria Esd 7,25? Ou são os encarregados de recolher o que é de Deus e do palácio: a *oferta obrigatória* e o dízimo, conforme Ne 10,38? São os que fazem as avaliações prescritas em Lv 27? Tudo é possível.

O templo tinha seus tentáculos também fora dos muros sagrados.

Um grupo desapareceu completamente: os *doados e os filhos (escravos) de Salomão*. Lembrado unicamente em 1Cr 9,2, e ainda bem presente nos livros de Esdras e Neemias, este grupo nunca mais vai aparecer. Esta função subalterna de escravos dos levitas será sumariamente esquecida. Devem ter sido "promovidos".

Todos estes grupos precisaram se juntar para fazer frente à ruptura samaréia. Todos ganharam seu lugar ao sol, mas, sempre, debaixo do sumo sacerdote e dos demais sadocitas. Crônicas, assim, dirime, definitivamente, questões seculares, ciúmes e lutas pelo poder sagrado: antigos excomungados são readmitidos, para todos os efeitos, outros são incorporados, para todos há lugar, tarefa, serviço. Tudo funciona como uma engrenagem perfeita.

Vale ressaltar que, conforme Crônicas, o serviço na casa de Javé precisa ser executado segundo o estatuto estabelecido pelo pai Aarão (1Cr 24,19). Mais uma vez pula-se por cima de Moisés que em Crônicas é decididamente secundário.

2.3. O trono a serviço do templo

O trono e o templo não existem separados.

Antes do exílio o templo era templo estatal e o sacerdote era funcionário do rei. Crônicas, porém, inverte os termos desta relação: o trono está a serviço do templo! As razões de Davi e Salomão terem sido escolhidos como reis foi a de organizar o sacerdócio e, também, de construir o templo.

O templo e sua organização sacerdotal sadocita é o eixo da aliança entre Deus e Davi. O trono está aí para garantir que tudo vai funcionar de acordo com o projeto final de Deus: uma comunidade obediente e fiel, ao redor da arca e do altar.

Para legitimar este projeto, Crônicas toma a liberdade de mudar ou de censurar muitas das informações que nos chegaram através da chamada história deuteronomista. É só verificar o trabalho de *limpeza* que o Cronista faz com as memórias de Davi. Na narrativa cronista não constam os seguintes episódios: o adultério com Betsabéia e o assassinato de Urias; o "incesto" de Amon; a revolta

4. PIXLEY, Jorge. *Op. cit.* p. 99-101, afirma que a história cronista foi escrita em contraposição ao trabalho dos dêutero-profetas. Segundo ele Zc 13,2-6 ilustra este conflito.

de Absalão; a memória de Semei e de sua crítica; a velhice de Davi; o complô de Adonias; a articulação de Natã e Betsabéia em favor de Salomão; Adonias que pede perdão.

O cronista vai nos contar somente a história dos reis de Judá, esquecendo por completo os reis de Israel, que, por romperem com a teocracia davídico-jerosolimitana, automaticamente ficaram "fora" da árvore da salvação. Para o cronista Judá será sempre "todo" o Israel (2Cr 12,1).

Neste contexto, Crônicas (bem diferente de 1Rs 1,1 que nos apresenta um Davi senil) nos fala de um Davi enérgico, forte, pronto a organizar tudo que diz respeito ao templo. Salomão será, somente, o executor final. Nada mais. Davi deixa tudo prontinho! O objetivo principal é definir que o velho culto mosaico, o culto da tenda, será agora substituído pelo novo culto do templo. Só este poderá reunir, num lugar só, arca, tenda e altar.

Davi proclama desde já:

"Aqui é a casa de Javé Deus" (1Cr 22,1a).

A exortação de Davi ao filho é emprestada do livro dos Reis: *"sê forte e corajoso"*, mas para construir o templo (1Cr 28,20; 1Rs 2,2; 1Cr 22,13). Como estamos longe do vingativo Davi que deseja a mesma força e coragem de Salomão na hora em que ordena a morte de Joab e de Semei, justo em seu leito de morte (1Rs 2,5-6.8-9)!

É Davi, um Davi forte e consciente, que indica e apresenta Salomão como seu sucessor. Davi é o rei de Israel em eterno! (1Cr 28,4). Seu sucessor, Salomão, é escolhido em função da missão de construir o templo. Salomão só serve para isso!

O modelo do templo está todo num *"livro que Javé havia entregado a Davi"* (1Cr 28,19). Ninguém precisa de Moisés, pois Davi recebeu diretamente de Deus as explicações relativas à fabricação do templo. O Sinai foi superado.

Davi termina sua obra ungindo a Sadoc como sacerdote (1Cr 29,22). É o final feliz e triunfante da teocracia implantada.

A partir deste momento, Javé e o rei, o templo e o trono estarão ligados para sempre (2Cr 1,1). No segundo livro das Crônicas, toda a monarquia davídica será avaliada a partir de sua relação com o templo. O templo será o teste definitivo da "bondade" ou da "maldade" dos reis. Bondade e maldade que, segundo a teologia dos autores, serão imediatamente "retribuídas" por Deus[5].

É por isso que Salomão não pode errar, nunca. Ao nos apresentar Salomão, Crônicas elimina toda e qualquer referência a fatos que possam depor contra a

5. Esta lógica "retribucionista" faz com que venham a ser operadas mudanças muito importantes. A mais significativa, talvez, seja a narração da conversão de Manassés que, neste texto, é, inclusive, o autor da purificação do templo. Isso explicaria seu longo reinado. Pelo contrário, a morte de Josias, derrotado por Necao, é tão inexplicável aos olhos dos redatores de Crônicas, que precisam encontrar um pecado no homem para justificar tamanho castigo. Eles fazem Josias "desobedecer" a Necao que, feito porta-voz de Deus, o convida a não guerrear (2Cr 35,22)!

imagem deste rei que, por ter construído o templo, nos é apresentado como perfeito.

Desaparecem as informações sobre o assassinato de Adonias; a expulsão de Abiatar; o assassinato de Joab e de Semei; o casamento de Salomão com a filha de Faraó; o julgamento do filho das prostitutas; a edificação dos palácios reais; as mulheres e a idolatria de Salomão. Ele não "sacrificava nos altos"; os operários da construção eram estrangeiros e não de Israel e as vinte cidades, que, segundo o livro dos Reis, Salomão tinha dado em troca do ouro e da madeira fornecida por Hiram (1Rs 9,11), são transformadas em presente de Hiram a Salomão (2Cr 8,2), que as reconstruiu e as povoou de israelitas!

Mesmo alguém desacostumado com o trabalho exegético não pode deixar de ver que o que sai destas páginas é um Salomão perfeito, que não mata, não oprime, não explora ninguém. É um Salomão exclusivamente dedicado ao Templo, sua única razão de ser e de agir. Quem está com o templo não erra, não falha, não se engana!

"Toda obra de Salomão ficou concluída quando ele terminou a casa de Javé" (2Cr 8,16).

Fica difícil entender a revolta popular contra Roboão a partir de um Salomão tão perfeito!

Fiel à sua ideologia teocrática, Crônicas opera mais uma mudança interessante. Na célebre oração de Salomão, a memória do Egito e de Moisés (1Rs 8,49-53) é substituída com a memória de Davi o ungido (2Cr 6,39-42). Mais uma vez, a aliança mosaica é substituída pela davídica (sem esquecer os sacerdotes, é claro!).

Vale a pena comparar dois textos que deveriam ser paralelos:

1Rs 8,49-53	2Cr 6,39-42
Escuta do céu onde resides.... pois são o teu povo e a tua herança, são os que fizeste sair do Egito, daquela fornalha de ferro. Que teus olhos estejam abertos para as súplicas de teu servo e de teu povo Israel, para ouvirem todos os apelos que lançarem a ti. Pois foste tu que os separaste como tua herança, dentre todos os povos da terra, como declaraste por meio de teu servo Moisés quando fizeste sair do Egito nossos pais, Senhor Javé.	Escuta do céu onde resides... Que teus olhos estejam abertos e teus ouvidos atentos às orações feitas neste lugar e, agora, levanta-te, Javé Deus, e vem para o teu repouso, tu e a Arca de tua força! Que teus sacerdotes, Javé Deus, se revistam de salvação e que teus fiéis se alegrem na felicidade. Javé Deus, não te afastes de teu ungido, lembra-te do amor que tiveste para com teu servo Davi.

No texto de Reis as memórias de Moisés e do êxodo constituíam o elemento fundamental da fidelidade de Deus para com seu povo. Em nome destas memórias erguia-se a súplica para que Javé continuasse abrindo seus ouvidos aos gritos do

seu povo. No texto de Crônicas os elementos fundamentais que podem garantir a fidelidade de Deus são outros: a "arca", os "sacerdotes" e, sobretudo, Davi, o ungido. Davi substituiu Moisés e o Êxodo já não faz mais parte da memória fundante.

2.4. A relação do cronista com o deuteronomista

Mesmo que Crônicas faça abundante uso dos livros dos reis, não podemos então pensar que se trate de uma espécie de "releitura" da história deuteronomista, aplicada às novas circunstâncias que se criaram em Judá, após as intervenções de Esdras e Neemias. Nem podemos pensar que a teologia da história, que subjaz à narrativa, seja praticamente a mesma, depois de ter eliminado a memória dos reis "samaritanos" e ter incorporado as novas realidades cúlticas de Jerusalém. Também não basta apelar para o uso de fontes diferentes e próprias para explicar as diferenças entre as duas narrativas.

O que está em discussão é, inclusive, a centralidade da figura de Josias e da descoberta do livro da Lei que teria orientado sua reforma: o Deuteronômio, justamente o livro que dava mais consistência ao projeto samareu.

Um "livro da Lei" já aparece nas mãos de Josafá que nos é apresentado como o rei que implantou o sistema jurídico nas terras de Judá, cumprindo os dispositivos de Dt 16,18-20 e Dt 17,8-13. As memórias deste rei ocupam um espaço significativo no conjunto da obra (2Cr 17,1–21,1). Foi ele que estabeleceu um grupo de leigos, levitas e sacerdotes que foram de cidade em cidade de Judá, com *o livro da Lei*, ensinando ao povo (2Cr 17,7-9). O próprio rei realizou uma grande viagem, desde Bersabéia até as montanhas de Efraim, para conduzir o povo a Javé, e constituir juízes em todas as cidades (2Cr 19,4-7).

A reforma de Ezequias, também, faz passar quase em segundo plano a reforma de Josias. Josias não fez nada que Ezequias já não tinha feito antes e melhor. A luta deste em favor da monolatria javista, que o livro dos Reis tinha resumido num único versículo (2Rs 18,4), ocupa, em Crônicas, três longos capítulos (2Cr 29–31), todos eles relativos a questões cultuais.

É Ezequias que restabelece as classes e os serviços sacerdotais, garante a contribuição do rei para o holocausto quotidiano, do sábado, da lua nova e das festas. O povo terá que dar a parte dos levitas: primícias e dízimo. Foi tanta a generosidade que demorou quatro meses para recolher tudo o que tinha sido amontoado! E essa só foi a sobra, pois todos os levitas já tinham comido à saciedade. Tudo então foi armazenado em salas apropriadas, entregue à custódia dos "levitas porteiros" (2Cr 31,11-12). Estes eram encarregados da distribuição em todas as cidades sacerdotais em que estivessem registrados (2Cr 31,15-19).

Parece-me importante notar que Crônicas praticamente anexou as normas e as disposições gerais, contidas em Ne 10,38b-40, à reforma de Ezequias e não, por exemplo, à de Josias, que assim perde em importância. É mais um sinal do conflito ideológico subjacente às duas narrações.

Em sua preocupação de reduzir o peso "deuteronomista" de Josias, Crônicas afirma que a "reforma" foi feita antes da descoberta do livro da Lei (2Cr 34,3-7). O Deuteronômio deixa, assim, de ser determinante.

A reforma, que, em 2Rs, ocupava um capítulo inteiro, aqui é resumida em 5 versículos. E se trata de uma reforma que alcança somente as regiões interioranas. Não se fala do templo, já purificado por Manassés (2Cr 33,15-16), justamente o rei que o deuteronomista tinha apresentado como o pior de todos os reis, idólatra, opressor e o inimigo mortal de todos os profetas (2Rs 21,5.9.16).

O achado do livro da lei é narrado conforme 2Rs com algumas mudanças menores. A mais importante é que a leitura do livro ao povo é feita pelos levitas e não pelos profetas.

A narrativa do fim do exílio, como já vimos, dá o golpe final na mentalidade deuteronomista. Opera-se aqui mais uma modificação significativa: no último horizonte de Crônicas não está mais um trono que se reergue, como em 2Rs 25,27-30. Está um templo!

A teocracia vai passar agora, exclusivamente, por este.

3. O ANTIMESSIANISMO SADOCITA DO TEMPLO DE JERUSALÉM

Vamos tirar algumas conclusões.

Crônicas é uma obra legitimadora do templo de Jerusalém e do projeto teocrático a ele indissoluvelmente amarrado. O fio condutor destes escritos é o *trono de Javé* que foi entregue a Davi e à sua casa (1Cr 28,5; 29,23; 2Cr 9,8; 13,8) e que agora pertence definitivamente ao santuário e aos sacerdotes consagrados. As *bênçãos* serão filtradas pelo santuário.

O outro fio condutor, que perpassa a obra, é o conceito de *pureza* e de *santidade,* não como um fruto do procedimento das pessoas, mas que existe em si, definitivo, intocável, intransponível. Por isso, apesar da *santificação / purificação* de Davi e, sobretudo, de Salomão, verdadeiramente santo é o templo. Em função dele existiu a monarquia davidita. A *santidade* de Davi e de Salomão dependem do templo e não vice-versa.

É um conflito com os samareus o seu "Pentateuco"? Creio que sim. À sacralização do Pentateuco feita pelo templo do Garizim, o templo de Jerusalém respondeu com a história do Cronista. Tudo que não era de Judá, de Benjamim e de Levi foi sumariamente eliminado da memória histórica.

As afirmações teológicas, neste sentido, são claras:

"Javé não está com Israel nem com nenhum dos efraimitas" (2Cr 25,7b).
"É a realeza de Javé que os filhos de Davi exercem" (2Cr 13,8).

Este conflito com os samareus, porém, serviu também aos grupos levíticos "inferiores" que se aproveitaram da debilidade interna do sadocitismo, para firmar sua posição e negociar uma "aliança" que permitiu, aos sadocitas de Jerusalém, garantir seu poder e, aos demais grupos levíticos, alcançar um prestígio que nunca tinham tido e que o Pentateuco tinha ignorado.

Os livros das Crônicas nasceram desta múltipla confluência de interesses gerada pela conjuntura samaréia.

Com isto não me atrevo a dizer que foi o grupo dos levitas a escrever o livro das Crônicas, se bem que a influência deles seja claríssima. Os sacerdotes continuam no meio ocupando sempre o primeiro lugar. Podemos concluir, sim, que, no tempo das Crônicas, os levitas tinham conseguido superar a pecha de *pecadores* que Ez 40–48 lhes tinha atribuído e tinham alcançado, para todos os efeitos, o reconhecimento essencial do seu serviço no templo e no meio do povo.

A *profecia* dos levitas cantores (1Cr 25,1-3), o controle dos *armazéns* por parte dos levitas porteiros (1Cr 26,20) e a responsabilidade pela *segurança* de Israel entregue aos levitas exteriores, escribas e juízes (1Cr 26,29) manifestam uma importância que o Pentateuco desconhece decididamente.

Não é por acaso que Moisés tenha um tamanho tão reduzido nesta obra e que o êxodo seja praticamente esquecido. A aliança davídica, e não a mosaica, é a aliança central e irrevogável.

Mas esta é, justamente, a imagem legitimadora da "aliança dos sacerdotes e levitas" que se tornou hegemônica nas terras de Judá com o trabalho, sobretudo, de Neemias.

Resta a pergunta que estivemos levantando ao longo do ensaio: Crônicas tem uma dimensão messiânica ou não? Ambas as posições ganharam o apoio de ótimos exegetas e nós não pretendemos dizer a última palavra.

É interessante, porém, que o mesmo argumento seja usado para justificar estas duas afirmações contraditórias. Os dois lados tecem suas hipóteses argumentando que o modelo davidita é definitivo, perfeito, acabado.

De um lado se diz que Davi e Salomão são tão *perfeitos* que, com certeza, representam um modelo ideal, sonhado para o futuro messias. A figura de Davi projeta para frente a figura do *filho de Davi* e, vice-versa, a perspectiva do *filho de Davi* serviu para modelar a figura de Davi.

Do outro lado se afirma o contrário: Davi e Salomão são tão *perfeitos* que já não se pode esperar por uma mudança. Eles são *usados* para legitimar e justificar uma estrutura que existe e que não se pretende absolutamente mudar.

Já deixei transparecer que a minha posição pessoal é muito mais simpática à afirmação antimessiânica. Quero justificar.

Não me parece correto olhar Crônicas na perspectiva de Davi, e sim na perspectiva do templo que é o último e único *sujeito* histórico que deve ser *reconstruído*.

> *"Assim fala Ciro, rei da Pérsia: Javé, o Deus do céu, entregou-me todos os reinos da terra; ele me encarregou de construir para ele um templo em Jerusalém, na terra de Judá. Todo aquele que, dentre vós, pertence a todo o seu povo, que seu Deus esteja com ele e que se dirija para lá!"* (2Cr 36,23; Esd 1,2-4).

Javé, Deus do céu, Ciro, rei de todos os reinos da terra, Jerusalém, Judá, o povo que vai voltar... tudo gira ao redor da reconstrução do templo. Este vai ser o sinal do futuro realizado. Não por nada o templo de Ez 40–48 ocupa toda a área do monte santo. O templo *encobre* o palácio.

O resto pode ficar no chão.

* Pode ficar no chão o ideal de uma nação independente e livre, diante de um Ciro que decide o que fazer com a terra de Judá, pois é obediente a Javé, o Deus que lhe entregou todos os reinos da terra.

* Pode ficar no chão a *profecia*, a grande porta-voz dos anseios populares por uma mudança e que, agora, é *controlada* por um grupo, os levitas cantores, e confinada dentro de um lugar, o templo.

* E pode ficar no chão o projeto de um povo reunido, pois, para Jerusalém, só volta quem quiser, pelo menos segundo a redação de Esdras. Assim, um exílio pesado, torna-se uma *diáspora* livremente escolhida.

Creio que, sem esses três elementos, a proposta messiânica não tenha mais sentido, a menos que não seja *trans-histórica*. Mas não me parece o caso.

É possível uma dimensão messiânica em quem está no poder e o exerce em nome de Deus? Só apresentando-se a si mesmo como o messias, o salvador da pátria, de *collorida* memória.

É isso que, de alguma forma, Crônicas faz, vinculando ao rei Davi, que o povo continuava tendo como modelo de um regime alternativo, a aliança/promessa contida no projeto de Ez 40–48, *aperfeiçoada* a partir do levitismo emergente e que se estabilizou no poder depois da segunda missão de Neemias, fruto de uma *coligação* anti-samaréia.

Este projeto sacerdotal/levítico, a teocracia governada pela hierocracia, é retroagido, idealizado no tempo de Davi e solenemente implantado no tempo de Salomão. Um projeto que vale para todo o Israel e no qual todos têm suas funções, lugares e tarefas, numa situação imutável, porque *santa*, e por isso intocável.

Este projeto encontrou fortes resistências e não só por parte dos samareus. Setores importantes do povo da terra reagiram com força a esta ideologia dominadora. O *Davi* do livro de Rute (Rute 4,17) e o *Salomão* de Cantares e Coélet, nada têm a ver com o Davi e o Salomão de Crônicas. Estes textos são decididamente antitemplares e carregados de vontade de mudança.

Discute-se quanto ao abundante uso que era feito da figura de Salomão como *autor* de vários escritos pós-exílicos. Isso poderia servir para provar a importância desta figura nesta época. Só que temos de tudo: enquanto os deuterocanônicos *Sirácida* e *Sabedoria* exaltam esta figura, *Cantares* e *Coélet* o denunciam e o criticam com veemência. Parece-me correto pensar que, justamente ao redor desta figura, estabeleceu-se uma polêmica, devido ao uso que o templo e a sinagoga faziam de Salomão e que o povo questionava.

Ao questionar justamente estes "símbolos" legitimadores do projeto sacerdotal, estes setores da sociedade judaíta continuavam alimentando suas esperanças

messiânicas no filho de Davi que um dia viria, em nome do Senhor, para visitar e libertar o seu povo.

"Hosana ao filho de Davi!
Bendito aquele que vem em nome do Senhor!
Hosana no mais alto do céus!" (Mt 21,9)

Este será o grito do povo, o grito das crianças, no coração do templo, grito que deixará indignados os chefes dos sacerdotes e os doutores da lei (Mt 21,15).

O templo, no poder, combaterá todo tipo de messianismo de quem, por diversas razões, espera por mudanças. Para o templo só há lugar para um davidismo dogmático, fechado e legitimador de seu próprio poder!

Sandro Gallazzi
Caixa Postal 12
68906-970 Macapá, AP